

Sheila Debastiani Ramos¹

Carin Klein²

RESUMO

As capas dos livros são consideradas um importante instrumento de análise não só pelo aspecto visual que apresentam, mas também pelos ensinamentos que veiculam, muitas vezes de forma subjetiva. Ancorada nos Estudos Culturais em educação, realizamos uma triagem inicial dos principais autores/as de livros que abordam a temática “crianças da nova era”, assim como, as imagens de suas capas, podendo-se perceber a predominância de representações de crianças brancas, nomeadas também como: Índigos, Cristal, Arco íris e/ou Diamante. Nos dezoito livros examinados, as representações de infância, das “crianças da nova era” assumem sentidos de seres especiais, cujo propósito elevado, relaciona-se a quebra de paradigmas com uma sociedade doente. Esta proposta apresenta os conceitos de Interculturalidade e Interseccionalidade como ferramenta de análise das capas, a fim de discutir sobre como são produzidas representações de infância, associadas a marcadores como raça e a forma como os efeitos de verdade são conduzidos a partir delas.

Palavras-chave: Estudos Culturais; representação e infância.

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS) Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS). sheiladbt.ramos@gmail.com

²Pedagoga pela Universidade La Salle (1990), Mestre (2003) e Doutora em Educação (2010) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professora do Curso de Pedagogia, pesquisadora e professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU/ULBRA) na área de concentração dos Estudos Culturais em Educação, onde está inserida na linha de pesquisa Infâncias, Juventudes e Espaços Educativos. carinklein31@gmail.com

AS “CRIANÇAS DA NOVA ERA”: REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIA EM CAPAS DE LIVROS DE AUTOAJUDA

Sheila Debastiani Ramos, Doutoranda em Educação (ULBRA)

Carin Klein, Doutora em Educação (UFRGS)

INTRODUÇÃO

Partimos da compreensão de infância que se afasta de naturalizações, principalmente, ligada as explicações biológicas e/ou marcadas pelo tempo cronológico e linear. Tampouco a tomamos como uma fase natural e romântica, ligada a certos ideais de pureza e inocência, necessitando moralizá-la, em nome de preceitos valorosos ou conservadores que a tomam como um universal. O que pretendemos aqui é olhar para algumas dimensões que as cercam, a fim de analisarmos os esquemas explicativos que se produzem entorno delas, ligados a interesses de mercado que a posicionam em um lugar central na cultura contemporânea

Alicerçados a partir de mudanças sociais, ocorridas principalmente nas sociedades européias, o conceito de infância, assim como, as formas de vivê-las foram se associando e incorporando diferentes compreensões e sentidos, principalmente, a partir das divulgações de campos de conhecimento como a puericultura, a psicologia do desenvolvimento, as políticas públicas e a mídia que tratam de nomeá-la, explicá-la e atuar sobre o seu desenvolvimento.

Nessa mesma linha, Bujes (2002) empenha-se em mostrar que a infância não existe anterior à experiência, dotada de “essências” e de verdades a serem descobertas, sem que uma noção de sujeito fosse fabricada. Pautada, sobretudo a partir de narrativas e representações que invocam saberes, reafirma-se bandeiras para a infância que tratem de uma suposta liberdade, condução, autoconsciência, autonomia, tão presentes nos ideais pós-modernos. Para a autora:

(...) os sujeitos modernos, entre eles os infantis, constituíram-se como produto de um lento e complexo processo de definição. Foram sendo ‘montados’ no interior de um conjunto de práticas discursivas, tais como: contar, listar, agrupar, chamar, dar ordens, cantar, contar, confessar, examinar, diagnosticar, fazer um relatório, planejar uma aula, montar um currículo, realizar uma pesquisa (BUJES, 2002, p. 158).

A infância é fortemente representada na cultura ocidental contemporânea, como um período dotado de algumas características únicas, como: a curiosidade, a necessidade de questionar, a imaginação, a vibração, a ludicidade. E como não poderiam ser diferentes, tais



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

características vêm sendo atribuídas a mecanismos apresentados através de “autoridades” no assunto que ofertam preceitos, conselhos, doutrinas, pedagogias que auxiliem em seu processo de desenvolvimento. Trata-se de um amplo processo educativo, pautado em interesses sociais, econômicos, psicológicos, entre tantos outros e, que constituem/balizam a maior parte das produções dos mais variados tipos e infância da atualidade.

METODOLOGIA

Durante o desenvolvimento da pesquisa relacionada à infância, chamaram-nos a atenção as capas produzidas para a veiculação das referidas obras sobre “as crianças da nova era”. Ao analisarmos as capas dos livros, podemos destacar uma série de características corporais que remetem e se estendem as denominações de sujeitos crianças Índigo e Cristal, carregando representações que se aliam as pessoas com traços europeus. Mesmo que os livros mais atuais não tragam essa denominação nas imagens e em sua produção escrita, a forma como as capas são produzidas e formuladas remetem a uma associação entre sujeitos/e



Fonte: Organização realizada, a partir do site da Amazon

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Hall (1997) ao falar sobre o conceito de representação assume uma abordagem construtivista, na medida em que não nega a existência do mundo material, porém esclarece que não é ele que produz os objetos e as coisas, mas sim a cultura e o sistema de linguagem.

A representação torna-se então o elo entre a formação dos conceitos e a linguagem, permitindo-nos referir o mundo concreto dos objetos, pessoas ou eventos, assim como as formas de nomeação e significação dos objetos, pessoas e eventos (HALL, 1997). Os sujeitos utilizam-se dos sistemas conceituais de sua cultura e linguagem, e também outros sistemas de representação, para construir significados, para que o mundo e a configuração de como nos expressamos faça sentido.

Nessa direção, passamos a descrever as capas encontradas, dos livros mais vendidos e veiculados atualmente, no site de compras da Amazon⁴ que abordam essa temática. Inseri em cada capa uma numeração de forma que fosse possível apontar os nomes e autores de cada título. Observa-se que a cor azul é predominante nas capas das obras, referindo à questão apontada pela parapsicóloga Nancy Ann Tappe, em sua obra intitulada

publicada em meados de 1982, em que afirmava ter detectado, através de um método de classificação por ela criada, auras de cor índigo, que teriam um tom azul-violeta.

As obras trazem palavras em seus títulos que remetem as propostas de transformação, de evolução da raça humana, de novas consciências e dimensões, além de apresentarem guias e modelos de educação, para os pais e para as crianças que, de acordo com os livros, serão mais sensíveis psiquicamente, além de mais espiritualizadas. Dos dezoito (18) títulos encontrados a maior parte deles, dezesseis (16) fazem alusão a imagens que contém crianças brancas, de olhos e/ou cabelos claros, em um primeiro momento não foi possível identificar uma predominância quanto ao gênero.

As únicas obras que contém crianças negras são as capas dos livros 6 e 15. A composição da obra 6 é feita por três crianças, um menino branco de cabelos pretos, uma menina ruiva de olhos azuis e uma menina negra. Na obra de número 15, um dos bebês que está no colo de uma mulher branca e loira sentada na posição esquerda do livro, é negro, porém, as cores da obra são desbotadas pelo tom azulado que é dado à capa.

A partir dos Estudos Culturais e Estudos Foucaultianos, Dimitrius Machado (2020) em sua tese examina a emergência de um modo de categorização do sujeito indisciplinado, presente na discursividade da autoajuda, investiga de que maneira a literatura de autoajuda busca prescrever formas de solução da indisciplina presente na atualidade, bem como o seu governmentamento (MACHADO, 2020, p. 10). Ao utilizar-se de Veiga - Neto (2000) em sua abordagem, Machado (2020) destaca que ao efetuar-se uma análise deste escopo, torna-se necessário enxergar o sujeito enquanto ser fragmentado de forma que se torne possível analisar os processos de fragmentação, como se relacionam entre si, e sua relação com os outros (MACHADO, 2020, p 12-13).

⁴A Amazon.com, Inc. é uma empresa multinacional de tecnologia norte-americana com sede em Seattle, Washington. A companhia se concentra no e-commerce, computação em nuvem, e inteligência artificial. É considerada uma das cinco grandes empresas de tecnologia, compondo o acrônimo "GAFA", juntamente com Google, Microsoft, Facebook e Apple. (ANDRIOLE, 2018).

Inspirando-nos na sua investigação, questionamos como são efetuadas determinadas

delimitações e compreensões para a infância, ao olharmos para as capas das obras que versam sobre as crianças da nova era. Ao observarmos as obras, trazemos alguns tensionamentos, principalmente, baseadas no fato de que a maior parte das capas apresenta crianças com traços europeus, ficando-nos a questão acerca das crianças de origem latinas, asiáticas, africanas? Será que elas não fariam parte das crianças da nova era e representadas como capazes de trazer reformulações para o mundo? E as crianças com deficiências? Quais sentidos essas capas produzem e o que os pais devem/necessitam aprender para educar esses seres especiais?

Tal como Hall (1997, p. 10) salientou "a representação é uma prática, um tipo de trabalho" que se utiliza de objetos materiais e efeitos, que possam produzir alguma função simbólica (HALL, 1997). Se a representação está ligada ao jogo da significação, não é algo que se possa considerar como pronta, acabada e/ou um círculo fechado, ela é algo que agrega sentidos, conforme o contexto ou as circunstâncias nas quais se apresenta, podendo ser contestada, por meio dos interesses e das disputas dos sentidos atrelados a ela. A cultura é um dos conceitos centrais trabalhados por Hall (2016, p. 13) "servindo não apenas de fundamento epistemológico para suas discussões teóricas, mas também como um conceito metodológico nas análises que realiza de diferentes fenômenos e artefatos culturais".

Para o autor, a cultura abrange todos os acontecimentos da vida social, incluindo neste rol também nossos modelos cognitivos. Esta visão amplia o que pode ser pensado como cultural, deixando de ser considerada como uma simples variável, para ser compreendida como algo "fundamental e constitutivo não apenas de nossas práticas, mas também dos modelos que utilizamos para conferir sentido à realidade" (HALL, 2016, p. 14).

Hall (2016) destaca que para tornar possível compreendermos como ocorre essa produção teórica, faz-se necessário compreender de que forma os artefatos culturais produzem pedagogias para os nossos tempos e podem ser analisados/as. Enfatiza que nem sempre os significados culturais são evidentes ou produzidos dentro de contextos sociais específicos, podendo cada grupo social re/produzir e fazer circular sistemas distintos de significação. Assim, o meio no qual estamos inseridos produzem sentidos, educam, dirigem e organizam quem somos e/ou podemos nos tornar.

Outra questão que fica ao observarmos as capas destas obras baseia-se no seguinte questionamento: as "crianças da nova era" seriam indicadas como mais legítimas do que outras para ocupar cargos de comando ou servirem como "modelos" de comportamento a serem seguidos?

Nessa direção, o conceito de interculturalidade reconhece a necessidade de desnaturalizarmos preconceitos e valorizarmos conhecimentos, conforme destacado por Winnie Bueno (2021) ao pensar sobre as imagens de controle, como possibilidade analítica, principalmente, ao localizarmos estereótipos de mulheres negras na grande mídia, oportunizando-nos pensar sobre o processo de formação do sujeito, a construção de identidades e as intencionalidades contidas em diferentes contextos. A autora destaca que as imagens de controle podem servir e atrelar-se a uma dimensão ideológica do racismo e do sexismo, cuja intencionalidade é a de normalizar, naturalizar e normatizar os sistemas de

refletirmos sobre a complexidade cultural e da forma como ela atua na formação dos marcadores sociais, assim como, na hierarquização dos sujeitos. Marcadores sociais como geração, gênero, raça nos permitem uma aproximação teórico-metodológico dos Estudos Culturais e das análises das mídias, enquanto cruciais para compreensão das lutas, da organização e da circulação do poder na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder são constitutivas da sociedade por aqueles que detêm o poder e constroem as instituições de acordo com seus valores e interesses, sendo o poder exercido por meio daqueles que ocupam legitimidade para dizer o que vale (ou não) como verdade, pela construção de significados através da representação.

O objetivo desta proposta foi adentrar em um contexto sociocultural mais amplo no qual essa discussão possa ser mantida em permanente tensão, em especial em razão da construção dos regimes de verdade e das análises de como a cultura atua sobre quem somos e nos tornamos, questionando permanentemente quem são as crianças que podem ou não serem consideradas: índigo, cristal ou da nova era.

REFERÊNCIAS

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 205-228

CAMPOS, Deivison Moacir. Aula: Pedagogias e Políticas da Diferença 2021 11 04 at 05 41 GMT 7. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=5VNLDkAcLdM>. Acesso: 6 de nov. de 2021.

MACHADO, Dimitrius Gonçalves. A categorização do indisciplinado na escola atual: uma análise a partir do transbordamento da literatura de autoajuda na educação. 2020.

LIBARDI, G.; JACKS, N. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. Signos do Consumo, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, jul./dez. 2020.

HALL, Stuart. Cultura e representação. **PUC - Rio: Apicuri**, 2016.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. **Pro-posições**, v. 12, n. 1, p. 151-161, 2001.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

ZUBARAN, Maria Angélica; WORTMANN, Maria Lúcia; KIRCHOF, Edgar Roberto. Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 56, 2016.